

SCOTT, Joan W. *Théorie Critique de L'Histoire: Identité, expériences, politiques.* Paris, Librairie Arthème Fayard, 2009.

YOLANDA LIMA LOBO

Professora da Universidade de Princeton, nos Estados Unidos da América, a historiadora Joan Scott tornou-se conhecida no mundo acadêmico por seus trabalhos sobre Gênero. Um dos seus estudos – *Gender: a useful category of historical analyses* – foi traduzido pela revista Educação e Realidade (Porto Alegre, vol.20, nº 2 jul-dez, 1995 pp. 71-99) e tornou-se um dos textos mais citados por historiadores brasileiros.

Entretanto, seria oportuno apresentar aos seguidores da historiadora no Brasil os estudos que ela reuniu em seu livro *Théorie Critique de l'Histoire*, com a certeza de que sua leitura trará mais nitidez para a compreensão não somente da construção do conceito de gênero, mas sobretudo da elaboração da Teoria Crítica da História.

Para compor sua *Théorie Critique de l'Histoire*, Scott coligiu três dos seus ensaios, escritos em diferentes ocasiões, entre 1986 e 1999, a saber: *L'Histoire comme critique*, *L'évidence de l'expérience* e *Écho-fantasme: L'Histoire et la construction de l'identité*. Este livro, muito provavelmente, pode ser útil para todos que se dedicam aos estudos históricos.

O primeiro texto, *A História como Crítica*, compreende cinco partes interligadas. Na primeira, *La résistance de L'Histoire à la théorie*, Scott interroga as maneiras de fazer história predominantes no mundo acadêmico (notadamente nos Estados Unidos da América), examina as ferramentas que historiadores usam em suas práticas e assinala que as correntes majoritárias apresentam-se como uma resistência à teoria. Uma interrogação conduz sua reflexão: como os indivíduos são fabricados por diferentes historiadores? Interrogação que faz balançar todo o edifício clássico da História. Todavia, a autora propõe a renovação da prática histórica, colocando em contato os instrumentos mais radicais da psicanálise, o trabalho sobre gênero e sexualidade e as obras de Foucault e Derrida.

Na segunda parte, *A Crítica*, a autora põe em discussão o conceito de crítica. A crítica a um sistema teórico de qualquer tipo não é uma revisão de suas fraquezas e imperfeições, afirma Scott. E, também, não pode ser confundida com uma ação de julgamento e muito menos com observações críticas com a finalidade de aperfeiçoamento. A crítica é uma análise que se concentra em priorizar as possibilidades que oferece um sistema. A crítica deve mostrar, sob uma luz diferente, os pontos cegos de sistemas teóricos, de modo a criar as condições de sua transformação, isto é, abrir a porta para um pensamento diferente, tal como propõe Adorno: “um pensamento aberto indica uma direção que o ultrapassa” (ADORNO, T. *Modèles Critiques*. Paris, Payot, 1984, p. 293). Sob esta perspectiva,

o presente permanece aberto para o *devenir*, apesar de sua conexão problemática com o passado. Assim sendo, Scott refuta não somente a intenção racionalista que olha o presente como sendo o ponto culminante de tudo o que é passado, como também a intenção conservadora de preservação do *status quo*. A ideia de abertura para o *devenir* está no cerne da teoria crítica, que a define como um projeto ético que se caracteriza por sua adesão à concepção de uma história indeterminada, diferenciando-se, portanto, do ponto de vista da ética da objetividade e neutralidade.

Na terceira parte do texto, Scott esclarece as relações entre sua teoria crítica e a “*Genealogia de Michel Foucault*”. Para Scott, Foucault é o autor que melhor explicitaria a noção de história crítica. Assinala que, ao denominar a história crítica de “genealogia”, Foucault entende que a crítica vai se exercer não mais na pesquisa das estruturas formais que têm valor universal, mas como enquête histórica através dos acontecimentos que nos levaram a nos constituir como sujeitos, para reconhecer o que fazemos e o que somos. Para Foucault, a história será efetiva na medida em que introduzir o descontínuo em nós mesmos. O saber, diz ele, não é feito para compreender, é feito para decidir. A história enquanto crítica, tal como a preconiza Foucault, oferece uma alavanca para o futuro, de resto incerto. Nas duas últimas partes do texto, *A paixão pela crítica* e *A ética da crítica*, respectivamente, Scott continua explorando as inquietações e as origens do mal-estar de Foucault sobre *A paixão pela crítica*, descrita por ele no prefácio de seu livro *As palavras e as coisas*.

Os textos *L'évidence de l'expérience* e *Écho-fantasme: L'Histoire et la construction de l'identité* ilustram o enfoque crítico da História. Nos dois textos, Scott examina as premissas a partir das quais os historiadores trabalham e propõe outra maneira de fazer e de pensar o que eles fazem. Examina (e critica) como alguns autores da história social (ela nomeia alguns desses autores) tomam por evidente a categoria da experiência para explicar o comportamento de indivíduos e de grupos sociais. A experiência, afirma a autora, é muito frequentemente considerada como transparente, como uma realidade vivida que teria um efeito direto e não problemático sobre aqueles que a viveram. Sublinha, sobretudo, que a mediação da linguagem nas interpretações que definem (o que contém) a experiência permanece quase sempre ignorada.

Scott oferece no texto *Écho-fantasme: L'Histoire et la construction de l'identité* a possibilidade de refletir não somente sobre os significados de nomes temporais e arbitrários (séculos, milênios etc), mas também sobre a maneira com a qual apreendemos e escrevemos a História. A autora faz uso de transferência de duas palavras – eco e fantasma - para um âmbito semântico que não é o do objeto que elas designam, para questionar determinados constructos históricos. A ressonância desses dois termos *eco-fantasma* é bastante complexa, diz ela. Os termos correspondem à repetição de um som imaginário, mas também, possivelmente, a uma repetição imaginada. Nos dois casos, afirma Scott, a repetição não é exata, posto que o eco é a reprodução infiel de um som primeiro. O fantasma evoca jogos do espírito que são sempre criativos e nem sempre racionais. Assim, importa pouco saber se o eco em questão existe realmente ou se é imaginado. As identificações retrospectivas são repetições imaginárias, ao mesmo tempo que repetição de semelhanças imaginadas. O

eco é um fantasma, o fantasma é um eco; e os dois se entrelaçam inextricavelmente. Que significa o fato de ver, na identificação retrospectiva, ou um eco fantasmagórico ou um eco de um fantasma? Pode ser simplesmente que signifique que uma tal identificação se efetue pela descoberta de semelhanças entre os atos do presente com aqueles do passado. Na escrita da História, diz ela, não faltam exemplos desse tipo: aqui, o conto histórico resulta de uma identificação empática que torne possível seja a existência de características humanas universais, seja, em certos casos, uma série de traços e de experiências compartilhados próprios de mulheres, operários, membros de uma comunidade religiosa ou étnica. Visto sob este ângulo, o fantasma é o meio pelo qual as relações identitárias reais entre o passado e o presente são colocadas ou forjadas. O fantasma é mais ou menos sinônimo da imaginação, e admite-se, acredita-se, geralmente, que se pode submetê-lo a um controle racional e deliberado. Ora, os fantasmas são os mitos que as culturas inventam para responder às interrogações sobre as origens dos sujeitos, a diferença sexual e a sexualidade (Scott mostra a invocação do fantasma feminino maternal que aparece claramente nos anos 1840 e 1850 na França). Os fantasmas originários da diferença sexual (que consideram que o corpo feminino foi castrado) constituem, talvez, a base sobre a qual repousa o denominador comum inconsciente das mulheres – que, histórica e socialmente, são diversas. Com a metáfora do fantasma, Scott questiona como as diferenças subjetivas de mulheres são amalgamadas em uma só categoria identitária. Scott aponta os limites desse enfoque e usa textos da psicanálise para refutá-lo. Conclui o texto apontando os dois fantasmas da história feminista. O leitor gostaria de conhecê-los?

Yolanda Lima Lobo

Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

BIBLIOTECA
